

Procurei Por Ti Quando Deixei de Te Ver, Ao Encontrar-te Deixei Que Desaparecesses.

Num dia

Alberto – Porquê filmar uma imagem?

Max – A imagem inicial perde toda a pertinência inicial. A imagem inicial apenas faz começar qualquer coisa.

A – Não estás a procurar uma pós-imagem?

M – O interesse aqui é dar importância ao processo, por um lado, e assistir a uma falência, por outro lado.

A – Como assim?

M – A falência do sistema captação / reprodução. É um sistema constituído por dois elementos. O primeiro emite o observado e o segundo capta o que deixa ser observado ... e por aí fora. Este diálogo deve ser contínuo até a cor inicial ter aparentemente desaparecido. O sistema da imagem é fechado e o controlo sobre esta parece dominado. A linguagem é sempre a mesma – passa por canais controlados. Com este processo as funções dos aparelhos são respeitadas (pois, foi para isso que foram desenvolvidas) mas utilizando este processo insistentemente nota-se que estes perdem o domínio. A limpeza da imagem é manchada consecutivamente. O processo pode ser considerado apenas processo. O resultado final em nada tem que ver com o processo, aliás, se o processo fosse fundamental para o trabalho teria de editar uma filmagem atrás da outra, e assim sucessivamente.

Num outro dia

Max – Para que este e outros trabalhos funcionem o processo não pode ter um início e depois ficarem reticências. Durante a captação tudo é possível com este método [a representação da imagem] não deixa de (ser) pertencer a uma ressonância da imagem inicial, ou de qualquer coisa inicial. A construção de qualquer coisa sofre a interferência de tantas coisas que é impossível seguir um método de início ao fim!!! Qualquer interferência é infecto-contagiosa.

Max – O início terá de ser abolido! [ordem]

Max – Este objectivismo tem um poder hegemónico sobre o meu pensamento criativo.

Num dia próximo ao anterior

Max – O meu interesse neste processo é ser possível quebrar um ciclo que é anunciado como perfeito. Trabalhar as imagens num sistema digital pode ser como trabalhar num circuito onde todas as fronteiras são dominadas. Na captação da imagem, esta é transformada numa linguagem (código). Este mesmo código é trabalhado por aparelhos que utilizam o mesmo código. Desta forma tudo é trabalhado em plataformas e túneis controlados.

Depois

Alberto – O processo é importante ser divulgado ou não?

Max – O processo para conseguir as imagens [ressonância de imagens] pode não ser divulgado numa primeira apresentação (recente, por isso) mas será posteriormente divulgado. Trata-se por isso de uma questão de tempo.

A – O que é isso de uma questão de tempo?

M – Será que as questões que lanças nada têm de pertinente para o (trabalho artístico) nosso momento de fazer artístico?

A – Será que esta primeira questão não terá só que ver com a recepção do trabalho?

M – A recepção do trabalho está constantemente na cabeça.

A – Isso é apenas uma questão de preparar a apresentação do trabalho ao público, e nada tem que ver com o próprio fazer.

Num dia próximo

Max – Com este vídeo despeço-me do método de produção que tinha e que me acompanhava desde os anos 90!!

Alberto – O que queres dizer com isso?

M – ADEUS!

A – Achas que encontraste um método melhor?

M – Não é melhor nem é pior, é mais solto.

A – Mais solto!?

M – Sabes quando descobres algo através da experimentação e essa coisa surpreende-te! É disso que falo.

A – Mas sentias-te preso a alguma coisa? Como é que um artista se sente preso quando o que ele faz é trabalhar com a criatividade?

M – Por vezes essa criatividade não é tão criativa. Parece que existem protocolos adjacentes aos pensamentos que são quase completamente invisíveis mas que têm uma força poderosa.

Dois dias depois

Alberto – Porquê fazer um vídeo captando outro vídeo?

Max – A pergunta deve ser feita da seguinte forma: *Porquê fazer vídeo captando outros vídeos?* Isto porque o vídeo resultante é constituído por ressonância de imagens [do vídeo anterior].

[pensamento sobre o que é ressonância]

...

A – Mas se falas em ressonância de imagens não podes falar de substituição ou de transformação de elementos [pensamento sobre o que acontece no momento da captação dos vídeos], partes do princípio que o anterior é igual

M – Não quero escrever algo... O que acho que devo escrever tem de poder despertar a imaginação de quem o lê, mesmo que não conheça o vídeo. [desconcentrado]

O texto muitos dias depois

Este trabalho começa com uma definição clara das fronteiras entre o elemento de captação (a câmara de filmar, também produtor) e o elemento de reprodução de imagens (televisor ou monitor).

Neste trabalho o vídeo não utiliza imagens em movimento. Neste vídeo o que é em movimento é algo *reimagénante*. Estes elementos constituídos por *reimagénâncias* estão para a imagem como ressonância está para o som. A lógica de desenvolver este neologismo está longe de uma procura de uma teoria sobre algo que não seja imagem. O propósito deste neologismo é permitir desenvolver novas experiências no vídeo.

O desenvolvimento tecnológico no campo da imagem tem sido fulgurante. Melhores máquinas de captação e melhores máquinas de reprodução. Neste trabalho foi permitido a estes dois elementos comunicarem. Um reproduz, e o outro capta o que o primeiro reproduziu. Este processo é feito centenas de vezes e aquilo que foi reproduzido inicialmente (~~anulade~~) desenvolve-se noutra coisa.

A lógica de trabalhar com estes dois elementos (reprodutor, e produtor) é simples. Ambos usam o mesmo código. A imagem captada inicialmente é transformada em “0s” e “1s”, depois de se tornar neste código a imagem – inicial – passa por um canal até ao monitor e, este reproduz algo. Todo este processo é controlado se ele terminar na reprodução... Com os instrumentos digitais, os elementos *reimagénantes* não se acumulam de captação em captação, como num possível processo analógico, eles transformam-se.

Este sistema não é carente de imagens do real, posso até nunca utilizar captações directas do real. Posso trabalhar num complexo de *reimagénâncias* para sempre. No entanto, o vídeo que apresento não é um resultado ilustrativo do processo explicado anteriormente. Todo o processo é transformado apenas em argumento para um vídeo que depois do processo se transformou numa narrativa com uma série de paisagens.

A colaboração dos Tropa Macaca (Joana e André) com as músicas “Primeira Jornada” e “Segunda Jornada” foi fundamental para que este vídeo desenvolvesse corpo, além disso, o processo de criação das músicas tem algumas afinidades com o vídeo. A ligação que faço é a de percorrer um espaço onde existem transformações sucessivas sem um fim. Importa referir

que tanto o vídeo, como o som foram elaborados independentemente, tendo sido posteriormente sincronizados.

Um texto mais esclarecedor e fluído algum tempo depois

Este vídeo tem um carácter experimental. O início de todo este processo partiu da pergunta – Qual é a cor do meio (vídeo)? - O processo para o descobrir foi seguir um método científico que consistia em repetir o mesmo gesto até chegar a uma conclusão qualquer, como uma descoberta. No entanto, a certa altura essa posição científica deixou de me interessar. Os resultados transformaram-se em algo inesperado e desconhecido.

Max Fernandes

V
2009 – 3' 09"

I
2009 – 0' 55"

D
2009 – 3' 03"

E
2009 – 2' 17"

O
2009 – 2' 39"

Max F. – Estava a tentar escrever algo para acompanhar a apresentação destes vídeos...

Alberto G. – E então ...!

M. – No momento em que editava os vídeos apontei o meu pensamento...

A. – Então diz o que escreveste.

M. – Escrevi assim: "Escrever a palavra vídeo no *timeline* não assenta apenas no conceptual, longe disso, permite uma transformação na forma de trabalhar o Vídeo. O conceptual não interessa por si só, ele possibilita dar mais importância à edição e permite desvalorizar a imagem pela imagem... Neste caso específico são as reimaginações que formam as palavras, e não o oposto, onde vulgarmente a palavra fornecia um caminho para a imagem." Também apontei o título possível para este projecto.

A. – E qual era?

M. – "Podia Dizer-te Mas Lembrei-me de Quanto a Verdade Já Não Interessa". Este título e estes vídeos foram feitos enquanto persistia no meu

pensamento tentar afastar-me de um trabalho conceptual. Este título evitava a utilização do título como guia conceptual para a interpretação.

A. – Mas responde-me a uma coisa, porquê que não utilizas esse título, mas apresentas os vídeos como “Desenhos Na Linha-do-Tempo”?

M. – Há várias questões no meio dessa decisão. Mas como síntese digo, afinal, a verdade pode interessar!

A. – Será que se trata de um receio em não acreditares na herança que te chegou através da arte?

M. – Não sei bem, mas acho mais confortável para já avançar com esta apresentação, embora o projecto tenha avançado pela distância que queria estabelecer com a arte conceptual.

A. – Max, não achas que mesmo trabalhando com o primeiro título, todo o trabalho tem um relacionamento endémico com o que é a arte conceptual? Isto porque trabalhas com a palavra, numa acção, com um medium, e depois ias ocultar apenas o processo que utilizaste para este trabalho. Não achas que isso é não ser honesto com o que defendes ou descreves como processo para estes vídeos?

M. – Talvez tenhas razão... Mas, a arte conceptual não tem limites?

A. – Talvez tenha...

G. Jonas – Estava aqui a ouvir a vossa conversa, e acho que a estão a desviar...

A. – ... do que interessa?! Enganas-te!

G. J. – ... do...

M. – Eu só disse que quando estava a trabalhar nestes vídeos me acompanhava o pensamento de me desviar da arte conceptual, não disse que queria ignorá-la. Além disso, eu referi que o trabalho só fica a ganhar se se apoiar no acto de escrever ou desenhar na linha-do-tempo, pois vai para além

da simples posição conceptual. A honestidade reflexiva está presente de uma forma ou de outra.

G. J. – “Linha-do-tempo”?

M. – Sabes que quando imaginas uma letra ou uma palavra imagina-la como um todo, e isso é diferente da leitura de um vídeo, progressivamente continua.

G. J. – Dessa forma vejo a linha-do-tempo como um espaço para desenhares, como a “Pirâmide”, um dos vídeos que ainda não publicaste, em que utilizas o mesmo método...

M. – Embora, nesse caso, seja um pouco diferente, por não desenhar a palavra...

A. – Hum!

→ [Leave a comment](#) Publicado em [Uncategorized](#)

Max Fernandes

NOTA: O vídeo apresentado na exposição tem as cinco letras consecutivas, como foram pensadas originalmente, e cada letra está separada da seguinte pelo negro curto.

Excerto do vídeo **Viagem**

2009 – loop

Antes de surgir este vídeo, havia um objectivo que era chegar ao ponto mais alto do atelier. O vídeo que surgiria dessa acção teria como título precisamente a própria acção “Até Ao Ponto Mais Alto do Atelier”. Nesse momento, o objectivo transformara-se numa obstinação desvariada. Não sabia como o fazer. Na prática, bastaria subir para uma cadeira ou subir por uma escada, e, conceptualmente, já teria atingido o objectivo primordial. Mas para transformar esta acção num vídeo, decidi construir um sistema para realizar uma viagem até ao cimo do atelier. Os recursos utilizados foram várias roldanas alimentadas por um sistema mecânico arcaico. A certa altura, o processo já obrigara a despendar mais energias a resolver os problemas mecânicos do que na obra propriamente dita. Na conclusão, a máquina de filmar nunca chegou ao topo do atelier. E, não tentei outro sistema para atingir o cume. O vídeo ficou em loop, numa viagem em contínuo.

Esta entrada foi publicada em [Uncategorized](#). [ligação permanente](#).

[← Post Anterior](#)

[Post Seguinte →](#)

Os comentários estão fechados.

Inicialmente estava previsto pelo artista ser ele a levantar o seu próprio peso (performance documentada). Mas agora está decidido que não será o artista a levantar o seu próprio peso mas será o José Almeida Pereira, aqui transformado em comissário, que irá levantar o artista com um mecanismo que já está instituído, é que é um sistema já existente como sendo um bom sistema. Este sistema é o das roldanas "mechanical advantage" (vantagem mecânica) e o sistema de redução das forças de tração utilizada nas diferentes velocidades de uma bicicleta. O outro sistema que o artista vai criar (lembrei-me agora) é um sistema possível, desenvolvido especialmente no Porto, que se trata dos artistas animarem um ou vários espaços, de serem artistas e comissários, pensadores e programadores.

O que tem acontecido frequentemente quando o artista fala do que penso, apresentar no espaço Fundação é sintomático da fragilidade do trabalho, na parte técnica. Dizem: "e esse sistema vai funcionar?" Referem-se ao sistema do comissário levantar o artista, pedalandos. Essa dúvida parece-me estranha, pois o artista utilizou um sistema que está instituído pela Escola para dividir o peso colocado nas roldanas móveis mas a dúvida está em se é possível levantar o peso do artista. Esta preocupação deve estar presente apenas no comissário, pois é ele que terá por missão levantar o artista.

A peça é, objectualmente, constituída por: 3 gamelas (peças utilizadas vulgarmente pelos trochas para transportarem argamassa), 29 roldanas (peças vulgarmente usadas para se construir estendais para a roupa secar - "construções domésticas"), dois cavaletes (vulgarmente usados pelos artistas), uma bicicleta (vulgarmente usada em lazer pelas mais variadas pessoas), corda de ecrã, 3 televisores, 3 leitores de dvd e os cabos de conexão ~~xxx~~ aos televisores, e uma extensão para distribuir a corrente eléctrica. 1x artista e 1 comissário.

A ACÇÃO

O comissário senta-se na bicicleta que está suspensa e pedala para levantar o artista que está sentado numa gamela. Depois do comissário ter conseguido levantar o artista até ao ponto mais alto do espaço de exposição tem de aguentar parado, neste momento o artista está dependente da vontade do comissário em aguentar o artista no ponto mais alto, enquanto o artista levanta as restantes 3 gamelas, cada uma com um televisor. Então, o artista que está suspenso tem de levantar puxando três cordas que sustentam três trabalhos em vídeo produzidos pelo artista. Estes vídeos também têm de atingir o ponto mais alto.

Quando tudo lá em cima, o comissário pode destituir-se da tarefa de aguentar o peso do artista com os seus trabalhos - cortar a corda.

A partir daí tem de ser o artista a suportar o seu próprio peso, e o dos seus trabalhos. Terá de o fazer até não aguentar mais, até ficar sem forças.

